

MURMÚRIOS DA TARDE

*Écoutez! tout se tait: songe à ta bien-aimée,
Ce soir, sous les tilleuls, à la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux:
Ce soir, tout va fleurir: l'immortelle nature
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.*
A. DE MUSSET.

Rosal! Rosa de amor purpúrea e bela!

GARRETT.

ONTEM à tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo,
De cada moita a escuridão saía,
De cada gruta rebentava um canto,
Ontem à tarde, quando o sol morria.

Do céu azul na profundez escura
Brilhava a estrela, como um fruto louro,
E qual a foíce, que no chão fulgura,
Mostrava a lua o semicirclo d'ouro,
Do céu azul na profundez escura.

Larga harmonia embalsamava os ares!
Cantava o ninho — suspirava o lago...
E a verde pluma dos sutis palmares
Tinha das ondas o murmúrio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia imensa,
Vago concerto de saudade infinda!
"Sol — não me deixes", diz a vaga extensa,
"Aura — não fujas", diz a flor mais linda;
Era dos seres a harmonia imensa!

Dizia as nuvens o choroso orvalho,
"Rola que foges", diz o ninho antigo,
"Leva-me ainda para um novo galho..."
Leva-me! leva-me em teu seio amigo."

"Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!
Inda um calor, antes que chegue o frio..."
E mais o musgo se conchega à penha
E mais à penha se conchega o rio...
"Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!"

E tu no entanto no jardim vagavas,
Rosa de amor, celestial Maria...
Aii como esquivava sobre o chão pisavas,
Aii como alegre a tua boca ria...
E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrela transformada em virgem!
Eras um anjo, que se fez meninal!
Tinhas das aves a celeste origem.
Tinhas da lua a palidez divina,
Eras a estrela transformada em virgem!

Fior! Tu chegaste de outra flor mais perto,
Que bela rosa! que fragrância meiga!
Dir-se-ia um riso no jardim aberto,
Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...
Fior! Tu chegaste de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,
Ouvi que a rosa murmurava ardente:
"Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,
Guarda-me, ó bela, no teu seio quente..."
E eu escutava o conversar das flores.

"Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!"
Também então eu murmurei cismando...
"Minh'alma é rosa, que a geada esfria..."
Dá-lhe em teus seios um asilo brando...
"Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!..."

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1869.

Na somora — um moço roto.
Libertai tribunas, presos...
São fracos, mesquinhos elos...
Não calqueis o povo-rei!
Que este mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do Papa,
Faça-se dele — uma cruz!
A púrpura sirva ao povo
Pra cobrir os ombros nus.
Que aos gritos do Niagara
— Sem escravos, — Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóis!
Banhem-se em luz os prostíbulos,
E das lascas dos patíbulo
Erga-se a estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade
É o Moisés no Sinai;
Das mãos do Eterno recebe
As tábuas da lei! — Marchai!
Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da História,
No coração do Brasil!
Moços, do topo dos Andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplan séculos mil!

Pernambuco, agosto de 1865.

AO ROMPER D'ALVA

Página feia, que ao futuro narra
Dos homens de hoje a lassidão, a história
Com o pranto escrita, com suor selada
Dos párias miseráveis do mundo!...
Página feia, que eu não possa altivo
Romper, pisar-te, recalcar, punir-te...
PEDRO CALASANS

Sigo só caminhando serra acima,
E meu cavalo a galopar se anima
Aos bafos da manhã.
A alvorada se eleva do levante,
E, ao mirar na lagoa seu semblante,
Julga ver sua irmã.

As estrelas fugindo aos nenúfares,
Mandam rútilas pérolas dos ares
De um desfeito colar.
No horizonte desvendam-se as colinas,
Sacode o véu de sonhos de neblinas
A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma e murmúrio.
A barba branca da cascata o rio
Faz orando tremer.
No descampado o cedro curva a frente,
Folhas e prece aos pés do Onipotente
Manda a lufada erguer.

Terra de Santa Cruz, sublime verso
Da epopéia gigante do universo,
Da imensa criação.
Com tuas matas, ciclopes de verdura,
Onde o jaguar, que passa na espessura,
Rojá as folhas no chão;

omo és bela, soberba, livre, ousada!
 m tuas cordilheiras assentada
 A liberdade está.
 púpura da bruma, a ventania
 asga, espedega o cetro que s'erugia
 Do rio piquiá. *escrava*

ivre o tropeiro toca o lote e canta
 língua cantiga com que espanta
 A saudade, a aflição.
 olto o ponche, o cigarro fumegando
 embra a serrana bela, que chorando
 Deixou lá no sertão.

ivre, como o tuvão, corre o vaqueiro
 e los mortos e várzea e tabuleiro
 Do intrincado cipó.
 ue importa os dedos da jurema, aduncos?
 anta, ao vé-los, oculta-se nos juncos,
 — Voa a nuvem de pó.

entre a flor amarela das encostas
 yosta a testa luzida, as largas costas
 No rio o jacaré.
 adadupas sem freios, vastas, grandes,
 ois a palavra livre desses Andes
 Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? É um sonho!... A barbaria
 arguer-se neste século, à luz do dia.
 Sem pejo se ostentar.
 e a escravidão — nojento crocodilo
 Da onda turva expulso. Já do Nilo —
 Vir aqui se abrigar!...

Dhi Deus! não ouves dentre a imensa orquesta
 que a natureza virgem manda em festa
 Soberba, senhoril,
 Um grito que soluça aflito, vivo,
 O reñir dos ferros do cativo,
 Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela
 Onde traçaste a criação mais bela
 De tua inspiração.
 O sol de tua glória foi toldado...
 Teu poema da América manchado,
 Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue — vagas escarlates —
 Toldam teus rios — líbricos Eufrates —
 Dos servos de Sião.
 E as palmeiras se torcem torturadas,
 Quando escutam dos mortos nas quebradas
 O grito de aflição.

Oh! ver não posso este labéu maldito!
 Quando dos livres ouvirei o grito?
 Sim... talvez amanhã.
 Galopa, meu cavalo, serra acima!
 Arranca-me a este solo. Eia! te anima
 Aos bafos da manhã!

Recife, 18 de julho de 1865.

(retorna o início)

Handwritten notes:
 Natureza
 Vaqueiro
 Tropicano
 Persepolis
 Escrava
 Natureza
 Vaqueiro
 Tropicano
 Persepolis
 Escrava
 Natureza
 Vaqueiro
 Tropicano
 Persepolis
 Escrava



VOZES D'ÁFRICA

Deusi ó Deus! onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu'estrela tu escondes

Embuçado, nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,

Que embalde desde então corre o infinito...

Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia...

— Infinito: galé!...

Por abutre — me deste o sol candente,

E a terra de Suez — foi a corrente

Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino

E morre no areal.

Minha garupa sangra, a dor poreja,

Quando o chicote do *simoun* dardeja

O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...

Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas

Dos *harâns* do Sultão.

Ou no dorso dos brancos elefantes

Embala-se coberta de brilhantes

Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...

O Ganges amoroso beija a praia

Coberta de corais...

A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do Deus Brama,
— Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...

A mulher deslumbrante e caprichosa,

Rainha e cortesã.

Artista — corta o mármore de Carrara;

Poetisa — tange os hinos de Ferrara,

No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...

Ora uma *c'roa*, ora o *barrete frígio*

Enflora-lhe a cerviz.

O Universo após ela — doudo amante —

Segue cativo o passo delirante

Da grande meretriz.

.....

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada

Em meio das areias esgarçada,

Perdida marcho em vão!

Se choro... bebe o pranto a areia ardente;

Talvez... pra que meu pranto, ó Deus clemente!

Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra de floresta...

Para cobrir-me nem um templo resta

No solo abrasador...

Quando subo às Pirâmides do Egito

Embalde aos quatro céus chorando grito:

"Abrija-me, Senhor!..."

Como o profeta em cinza a fronte envolve,

Velo a cabeça no areal que volte

O siroco feroz...

Quando eu passo no Saara amortalhada...

Aí dizem: "Lá vai África embuçada

No seu branco albornoz..."

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
 Que o silêncio campeia solitário
 Por sobre o peito meu.
 Lá no solo onde o cardo apenas medra
 Boceja a Esfinge colossal de pedra
 Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
 As cegonhas espiam debruçadas
 O horizonte sem fim...
 Onde branqueja a caravana errante,
 E o camelo monótono, arquejante
 Que desce de Efraim...

Não basta inda de dor, ó Deus terrível!
 És, pois, teu peito eterno, inextinguível
 De vingança e rancor?
 E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
 Eu cometi jamais que assim me oprime
 Tu gládio vingador?!

Foi depois do dilúvio... Um viandante,
 Negro, sombrio, pálido, arquejante,
 Descia do Arará...
 E eu disse ao peregrino fulminado:
 "Cão!... serás meu esposo bem-amado..."
 — Serei tua Eloá..."

Desde este dia o vento da desgraça
 Por meus cabelos ululando passa
 O anátema cruel.
 As tribos estram do areal nas vagas,
 E o Nômada faminto corta as plagas
 No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
 Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
 Trilho de perdição.

Depois vi minha prole desgraçada
 Pelas garras d'Europa — arrebatada —
 Amestrado falcão!...

Cristo! embalde morreste sobre um monte...
 Teu sangue não lavou de minha fronte

A mancha original
 Ainda hoje são, por fado adverso,
 Meus filhos — alimária do universo, avimela de sangue
 Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre
 — Condor que transformara-se em abutre,
 Ave da escravidão,
 Ela juntou-se às mais... irmã traidora
 Qual de José os vis irmãos outrora
 Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
 Role através dos astros e do espaço
 Perdão p'ra os crimes meus!...
 Há dois mil anos... eu soluço um grito...
 Escuta o brado meu lá no infinito,
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

S. Paulo, 11 de junho de 1868.

filhos
desgraçados

como um
Prometeu

CASTRO
ALVES

OBRA
COMPLETA

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO SESQUICENTENÁRIO

Organização, Fixação de texto e Notas de
EUGÊNIO GOMES



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 1997

Universidade de São
Literatura Brasileira
Prof. Simone R. Ruf

Seleção de poemas c

Poema de sete faces (

Quando nasci, um anjo
desses que vivem na s
disse: Vai, Carlos! ser

As casas espiam os ho
que correm atrás das n
A tarde talvez fosse az

NO MAR

Les étoiles s'allument au ciel, et la
brise du soir erre doucement parmi les
fleurs: rêvez, chantez et soupirez.

GEORGE SAND.

Era de noite — dormias,
Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falua,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

• Ah! que vêm de pallidez
Da langue face na tez!
Como teus seios revoltos
Te palpitavam sonhando!
Como eu scismava beijando
Teus negros cabellos soltos!

Sonhavas? — eu não dormia;
A minh'alma se embestia
Em tua alma pensativa!
E tremias, bella amante,
A meus beijos, semelhante
As folhas da sensitiva!

[9]

E que noite! que luar!
 E que ardentias no mar!
 E que perfumes no vento!
 Que vida que se bebia
 Na noite que parecia
 Suspirar de sentimento!

Minha rôla, ó minha flor,
 Ó madresiva de amor,
 Como eras saudosa então!
 Como pallida (1) sorrias
 E no meu peito dormias
 Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!
 Como a brisa a soluçar
 Se desmaiava de amor!
 Como toda evaporava
 Perfumes que respirava
 Nas laranjeiras em flôr!

Suspiravas? que suspiro!
 Ai que ainda me deliro
 Sonhando a imagem tua (2)
 Ao fresco da viração,
 Aos ais do meu coração,
 Embalada na fahna!

Como virgem que desmaiava,
 Dormia a onda na praia!

(1) Rara será a página de versos de Alvares de Azevedo, em que se não
 leia o adjectivo pallida. Cantões emprega a minha — lado. Boacae — claro,
 Ribeiro dos Santos — sono e Alameda Garrett — doce. Em Les Trophées, de
 Heredia, or aparece continuamente: só a p. 191 (8ème ed., Paris, 1893), quatro
 versos.

(2) C. Entrevendo a imagem tua.

Tua alma de sonhos cheia
 Era tão pura, dormente,
 Como a vaga transparente
 Sobre seu leito de arcia!

Era de noite — dormias,
 Do sonho nas melodias,
 Ao fresco da viração;
 Embalada na falua,
 Ao frio claro da lua,
 Aos ais do meu coração.

beber, se embalar: fôra com a
 amada (a boca de Lyra)

POESIAS

de

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO



RIO DE JANEIRO

EDITORA NACIONAL, S.A. - S. J. R.
Rua da Assembleia, 23-25

1938

Fac-símile do frontispício da 1.^a ed. da *Lyra dos Vinhe Anos*

LIVROS DO BRASIL

VOL. 4.^o

OBRAS COMPLETAS

DE

ALVARES DE AZEVEDO

8.^a EDIÇÃO

Organizada e anotada

por

Homero Pires

EM DOIS TOMOS

PRIMEIRO TOMO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre
1942